

Images of gender and aging female in Brazilian TV series “Os Experientes”. Imagens de gênero e envelhecimento feminino na série televisiva brasileira “Os Experientes”

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Palma Mungoli
crismungoli@gmail.com

Sílvia Góis Dantas
silviagdantas@gmail.com

Rosana Mauro
maurorosana@gmail.com

Resumen

El texto examina dos episodios de la serie “Os Experientes” (O2; Globo, 2015) para observar la producción de sentido de los discursos sobre la mujer anciana y la vejez. El artículo se basa en dos ejes complementarios: (1) discusiones sobre el envejecimiento de la población y la “feminización” de la vejez (Debert, 2012; Moreira, 1998; Salgado, 2002) teniendo en cuenta estos dos fenómenos como parte integrante del profundo y complejo proceso de transformación de las identidades y de la intimidad (Giddens, 1993, 2002) en la contemporaneidad; (2) estudios del lenguaje de Bakhtin (2002, 2003), especialmente los conceptos de enunciado concreto y dialogia. El análisis pone de relieve la pluralidad de imágenes de la vejez femenina en la contemporaneidad, destacando la presencia de mujeres fuertes y conscientes de su potencialidad más allá de puntos de vista tradicionales sobre el tema.

Palabras clave

Televisión de ficción de serie; Las relaciones de género; Edad de la mujer; Serie de Brasil; Serie “Os Experientes”

Abstract

This paper analyzes two episodes of the Brazilian TV series “Os Experientes” (O2 Filmes; Globo, 2015) with the goal to observe the production of meaning of the speeches about the aging elderly women and female aging. The article bases on two complementary axes: (1) discussions about the ageing population and the “feminization” of the old age (Debert, 2012; Moreira, 1998; Salgado, 2002) considering those two phenomena as part of the deep and complex transformation both identities and intimacy (Giddens, 1993, 2002) in contemporary times; (2) Bakhtinian studies of language (2002, 2003), mainly concepts of concrete enunciation and dialogia. The analysis highlighted the plurality of the aging female images showing both strong and aware women and their potentialities beyond traditional views concerning the theme.

Keywords

Television serial fiction; gender relations; female age; brazilian series; series “Os Experientes”.

Resumo

O texto analisa dois episódios da série brasileira “Os Experientes” (O2 Filmes; Globo, 2015) com o objetivo de observar a produção de sentido dos discursos sobre a mulher idosa e a velhice feminina. O artigo embasa-se sobre dois eixos complementares: (1) as discussões sobre o envelhecimento da população e a “feminização” da velhice (Debert, 2012; Mo-

reira, 1998; Salgado, 2002) considerando esses dois fenômenos como parte integrante do profundo e complexo processo de transformação das identidades e da intimidade (Giddens, 1993, 2002) na contemporaneidade;(2) os estudos de linguagem de Bakhtin (2002, 2003), principalmente os conceitos de enunciado concreto e dialogia. A análise evidenciou a pluralidade das imagens do envelhecer feminino na contemporaneidade, destacando a presença de mulheres fortes e conscientes do seu potencial para além das visões tradicionais relativos ao tema.

Palavras chave

Ficção seriada televisiva; relações de gênero; velhice feminina; série brasileira; série “Os Experientes”.

Introdução

O presente artigo analisa dois episódios da série *Os Experientes* (O2 Filmes; Globo, 2015) com o objetivo de observar a produção de sentido envolvendo a construção social da mulher idosa e da velhice feminina a partir dos discursos verbais. Embasam a discussão: (1) os estudos sobre envelhecimento da população e a “feminização” da velhice (Debert, 2012; Moreira, 1998; Salgado, 2002) como parte integrante do profundo e complexo processo de transformação das identidades e da intimidade (Giddens, 1993, 2002) em curso na sociedade contemporânea¹; (2) os estudos de linguagem de Bakhtin (2003), destacando os conceitos de enunciado concreto e dialogia. Em termos específicos do estudo de séries de televisão, o trabalho considera o formato série sob a perspectiva das narrativas complexas, inserindo o tema do tratamento do gênero e de idade das protagonistas femininas no cenário atual das séries televisivas brasileiras.

Velhice e “feminização” da velhice

Nas últimas décadas, temos assistido a notáveis reconfigurações demográficas globais, e, em particular, aquelas concernentes ao aumento da população idosa. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou a previsão de que, até 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos vai mais do que dobrar², situação que trará grandes mudanças sociais.

Esse cenário indica uma tendência mundial que também se apresenta no Brasil, onde é notório o estreitamento da base da pirâmide etária na população graças a dois fatores principais: a diminuição dos índices de fecundidade e maior longevidade acarretada por mudanças sociais e econômicas registradas nas últimas décadas no País³. Os idosos já correspondem

1 Resumidamente, Giddens (1993, 2002) considera que as transformações relacionadas à sexualidade e à auto-identidade na Modernidade decorrem da complexidade dos contextos históricos marcados pelo fortalecimento da confiança em sistemas abstratos que, entre outras coisas, possibilitam ao indivíduo a liberdade de se auto-identificar a partir da reflexividade. Nesse sentido, o autor afirma que a identidade sexual ou a auto-identidade, em sentido mais amplo, são “um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia, manuais de autoajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas” que permitem a elaboração de “uma narrativa coerente do eu em relação ao futuro” (GIDDENS, 2002, p. 71).

2 Cf. Agência Brasil EBC, 30 set. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-09/oms-alerta-que-numero-de-pessoas-com-mais-de-60-vai-dobrar-ate-2050>>. Acesso em: 24 out. 2015.

3 Configurando-se como um processo de transição demográfica ou transição vital, essa situação “é uma das principais transformações pelas quais vem passando a sociedade moderna. Ele caracteriza-se pela passagem de um regime com altas taxas de mortalidade e fecundidade/ natalidade para outro regime, em que ambas as taxas situam-se em níveis relativamente mais baixos.” (IBGE, 2015: s/p)

a 13,7% da população conforme a Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (Pnad) de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que estima que em 2060 essa faixa etária corresponderá a 33% da população.⁴

Trata-se do fenômeno que se convencionou chamar de “feminização da velhice” o qual “coincide com mudanças nas normas etárias e de gênero que regulam os comportamentos e as expectativas de comportamento das mulheres idosas, as relações intergeracionais e os intercâmbios de apoio material, instrumental e afetivo entre gerações” (Neri, 2007: 48). De acordo com Neri, sua emergência encontra-se associada a diversos fatores como maior longevidade feminina; maior presença relativa de mulheres nos estratos mais velhos da população; o avanço do número de idosas como parte da parcela populacional economicamente ativa; e o aumento da quantidade de idosas como chefes de família. Também Salgado (2002: 9) destaca esse fenômeno demográfico afirmando que “o fato mais significativo e simples sobre a velhice é que a população idosa é predominantemente feminina”. Para ela, esse fato, em geral, acarreta uma situação de dupla discriminação em relação às mulheres idosas: a primeira relaciona-se à idade propriamente dita (que atinge homens e mulheres) e a segunda, que se relaciona diretamente ao gênero feminino.

Ambas as situações ganham corpo por meio de estereótipos e preconceitos, os quais se alimentam e se retroalimentam por meio de discursos (Bhabha, 1998) e práticas sociais. Tais discursos são mediados e construídos socialmente por enunciados concretos (Bakhtin/Volochinov, 2002)⁵ que se articulam organicamente no eixo tempo-espaço (Bakhtin, 2003), eixo no qual o tempo e o espaço são construções sociais cujos valores e ideologias velados/desvelados compõem o enunciado concreto que deve alicerçar a interação verbal e os estilos da enunciação⁶ (Bakhtin/Volochinov, 2002).

A discriminação e o preconceito tornam-se ainda mais evidentes numa cultura em que o corpo pode ser considerado um “capital” (Goldenberg, 2015), tamanha a sua valorização na sociedade brasileira. Em estudo comparativo sobre o significado da experiência do envelhecimento feminino no Brasil e na Alemanha, Goldenberg (2015) impressionou-se com a recorrência à importância do corpo no nosso País, apontando um abismo enorme entre o poder objetivo feminino (suas conquistas na vida) e a “miséria subjetiva que aparece em seus discursos” (Goldenberg, 2015: 40). A ênfase exacerbada na busca do corpo perfeito, considerada por Goldenberg (2015: 58) como um “retrocesso no processo de emancipação feminina” faz com que o envelhecer no Brasil seja considerado como momento de perda, ao contrário do que ocorreria na cultura alemã, onde as mulheres idosas sentem-se mais emancipadas e vivem a velhice como um momento de ganhos.

No entanto, é preciso ressaltar que a experiência do envelhecimento – masculino e feminino – é marcada sempre pela heterogeneidade a partir de cada trajetória de vida, bem como do contexto econômico, social e familiar onde cada experiência está inserida, uma vez que:

4 Cf. IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015. p. 33-38. Disponível em <http://ndonline.com.br/uploads/global/materias/2015/12/04-12-2015-02-58-43-pesquisa-ibge.pdf>, acesso em 10/05/2016. Dentro da faixa etária, destaca-se ainda que “nos grandes centros urbanos, por exemplo, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, o número de idosas mais velhas corresponde a mais que o dobro do número de idosos do mesmo grupo etário”. (Neri, 2007: 56)

5 Enunciado concreto é um conceito-chave discutido por Bakhtin e pelos integrantes do chamado Círculo de Bakhtin, que congregava diversos estudiosos dedicados ao estudo da linguagem. Para Bakhtin/Volochinov (2002: 112), “(...) a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (...). A palavra dirige-se a um interlocutor; ela é função desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não; se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc). Não pode haver interlocutor abstrato, não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no sentido figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimirmos-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que os engloba. (grifos do autor).

6 Conforme destacam Bakhtin/Volochinov (2002: 114), “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.”

Tratar da velhice [...] é buscar acessos privilegiados para dar conta de mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução. (Debert, 2012: 13)

Cientes da complexidade da questão e da necessidade de uma investigação que margeia múltiplos campos do saber, partimos para a observação de algumas imagens do envelhecimento.

Imagens do envelhecimento feminino na tela: discursos e produção de sentido

Ao analisar as imagens da velhice em filmes, Debert (2005) destaca o aumento da presença de idosos como protagonistas e, sobretudo, um modo específico de envelhecimento positivo, muito ligado à atividade e ao modo de ser tipicamente juvenil. Segundo a autora, se por um lado, as categorias de idade contribuem para a definição de atores políticos e para a criação de mercados consumidores, por outro, denotam um embaçamento entre fronteiras considerando a busca de um estilo de vida mais associado à juventude e que diz respeito à necessidade constante de atividade. Segundo ela, isso também pode ser percebido nas telenovelas, que têm trazido imagens mais positivas do envelhecer:

A expressão do abandono e da solidão nas novelas tem certamente nos velhos um elemento forte, mas eles agora são também apresentados como ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais, reciclando identidades anteriores, desenvolvendo novas formas de sociabilidade e de lazer e redefinindo as relações com a família e os parentes. (Debert, 2012: 218)

De fato, nos últimos tempos, diversas telenovelas têm apresentado protagonistas idosas como personagens centrais de núcleos importantes de sua trama. O protagonismo de personagens idosos e seu envelhecimento também têm emergido em séries brasileiras, destacando-se protagonistas femininas acima dos 60 anos, muitas vezes setuagenárias ou octogenárias.⁷ Com trajetórias mais emancipadas do que tradicionalmente esperado – e recorrente – até algum tempo atrás, essas personagens contribuem para a produção de sentidos mais heterogêneos do envelhecimento feminino e para o questionamento de alguns estereótipos relacionados à imagem dos idosos e das idosas.

Especificamente em *Os Experientes*⁸, nosso objeto empírico, percebemos um maior cuidado no tratamento do tema da velhice. Ao fugir da dicotomia que geralmente marca a presença de personagens idosos nas tramas ficcionais de televisão embasada ora no humor ora na sisudez e conservadorismo do caráter, a série procura desconstruir estereótipos e busca um tratamento mais complexo do processo de envelhecimento e de sua produção de sentidos na sociedade brasileira. A série apresentou o protagonismo de idosos em situações extremas ou cotidianas, procurando evidenciar nuances humanas que desvelam estereótipos/preconceitos e propiciam ao telespectador um olhar diferenciado consoante às transformações sociais por que passa a velhice na atualidade.

Dos quatro episódios da série, os dois (episódio 1: *O assalto*) e (episódio 4: *Folhas de Outono*) analisados neste artigo possuem protagonistas femininas que enfrentam situações

7 Apenas a título de exemplo, citamos a minissérie *Cinquentinha* (Globo, 2009) e seu *spin off*: a série *Lara com Z* (Globo, 2011); a telenovela *Passione* (Globo, 2010-2011); o unitário *Doce de Mãe* (Globo, 2012) que originou série com o mesmo nome exibida em 2014; *Babilônia* (Globo, 2015) que deu destaque à homossexualidade feminina na terceira idade.

8 A série de quatro episódios (*O Assalto*; *Atravessadores do Samba*; *O Primeiro Dia*; *Folhas de Outono*) foi apresentada às sextas feiras, de 10/04/2015 a 01/05/2015, no horário das 23h30. O roteiro é assinado por Marcio Alemão Delgado e Antônio Prata. Direção: Fernando Meirelles, Quico Meirelles e Gisele Barroco. Direção de Núcleo: Guel Arraes. Direção-geral: Fernando Meirelles e Quico Meirelles.

que colocam em xeque tanto as autorrepresentações quanto os papéis sociais normalmente atribuídos a senhoras idosas.

Pode-se classificar *Os Experientes* como uma série de antologia já que apresenta tramas e personagens distintas a cada episódio. Apesar dessa independência estrutural, há como elemento comum o tema que une os quatro episódios: o envelhecimento visto seja pelos próprios protagonistas seja pelas pessoas que com eles se relacionam. Ainda estruturalmente, existe a presença de personagens e lugares da cidade de São Paulo⁹ que se ligam de maneira lateral aos eventos narrados em cada um dos episódios fortalecendo entre os episódios evidenciando a estrutura serial. Essa tênue relação entre personagens e tramas funciona mais como um elemento de associação dentro do universo narrativo criado do que como elemento de inter-relação diegética propriamente dito. Entendemos que tais elementos servem para construir uma ambiência urbana e social, na qual as personagens e suas tramas se tornam verossímeis e adentram a atualidade por meio da produção de sentido da idade e do envelhecimento das personagens situadas na grande metrópole econômica do país¹⁰. Ao mesmo tempo, esse entrelaçamento das tramas e personagens acaba por tipificá-los e inseri-los a partir de uma visada histórico-social que pode ser observada nos discursos e na sua produção de sentidos de gênero de idade.

Com base nos conceitos explicitados, a metodologia para análise da série consistiu na identificação de três cenas-chave dos dois episódios (o primeiro e o último). Para a realização da análise, recorreremos à contextualização das cenas e à transcrição dos diálogos.

O assalto

O episódio *O assalto* passa-se em uma agência bancária no centro da capital paulista e tem como protagonistas uma mulher idosa – a médica Yolanda (Beatriz Segal) –, cliente do banco, e um jovem e inexperiente assaltante – Kleber (João Côrtes). Como o próprio título diz, a trama gira em torno de um assalto a uma agência bancária executado por três jovens. Kleber é um técnico de ar condicionado que é recrutado para introduzir no duto de ar o armamento necessário para o assalto. Surpreendidos pela ausência de um comparsa, os dois bandidos mais experientes o obrigam a participar – de arma em punho – mais diretamente do assalto¹¹. Inexperiente e desesperado, Kleber faz reféns e a situação só não se torna mais

9 O fortalecimento da estrutura serial ocorre principalmente quarto e último episódio que estabelece uma relação com os episódios anteriores ao mostrar personagens que apareceram como protagonistas nos episódios anteriores. Embora possamos considerar tais aparições apenas como figurações, cabe destacar o interdiscurso que constroem com os episódios anteriores. Enquanto a protagonista Francisca sai do cemitério, vemos personagens do *O primeiro dia*, caminhando entre os jazigos. Também desse episódio, aparece o advogado Del Bello (Othon Bastos) na comemoração em que Francisca recebe amigos e apresenta a namorada. Já em outra cena em que Francisca está em um baile, estão no palco os *Atravessadores do Samba*, grupo musical do segundo episódio. Há ainda a referência ao assalto ao banco, que é o tema do primeiro episódio, quando Francisca pergunta ao filho se ele havia se ferido durante o assalto.

10 A série foi gravada na cidade São Paulo com locações em lugares bastante conhecidos da metrópole e alguns desses locais foram mostrados em mais de um episódio. Por exemplo, no primeiro episódio (*O Assalto*) a ação se passa no Banco de São Paulo localizado no centro antigo da cidade. O mesmo centro antigo é mostrado no terceiro episódio (*O Primeiro Dia*). No quarto episódio (*Folhas de Outono*) a protagonista Francisca (Selma Egrei) enterra o marido no mesmo cemitério que aparece no terceiro episódio. As protagonistas do quarto episódio vão a um baile onde os sambistas do episódio dois (*Atravessadores do Samba*) se apresentam. Cf. <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/os-experientes/os-experientes-trama-principal.htm>, acesso em 14/03/2016.

11 Cabe a Kleber subtrair o dinheiro e objetos de valor de uma dezena de clientes e funcionários tornados reféns pela quadrilha enquanto os outros dois assaltantes retiram dinheiro do cofre aberto pelo gerente. Um dos vigias do banco atira e acaba ferindo Kleber. Logo em seguida, os dois assaltantes que estavam no cofre, deixam a agência e abandonam Kleber ferido e caído dentro da agência. Após a saída dos dois assaltantes com malotes de dinheiro, Kleber recobra a consciência e, armado, exige que os reféns o obedeçam. A tensão aumenta e o desespero dos reféns aliado à inexperiência de Kleber parece apontar para um desfecho violento quando, mostrando calma e

traumática devido à intervenção de Yolanda, cliente do banco, médica, que cuida do ferimento dele ao longo do episódio. Os dois acabam se aproximando e trocando confidências. Por trás da aparência séria e serena da cliente, há uma ex-guerrilheira que quando jovem passou oito anos encarcerada devido a uma tentativa de assalto a um banco durante o período da ditadura militar no Brasil. As trajetórias dos dois jovens desesperados (ela em 1972, ele na atualidade) entrecruzam-se: por motivos diferentes e tempos diferentes, ambos recorrem a expedientes extremos para atingir seus objetivos: ela pela luta política armada; ele pela luta por condições de vida melhores a fim de reconquistar a namorada.

Durante toda a narrativa, marcada pela expectativa de um desenrolar violento (até mesmo pelo nome do episódio) a chave do humor é utilizada de forma sutil, principalmente quando Yolanda usa a ironia diante de estereótipos associados à velhice. Em uma das primeiras cenas, quando utiliza o caixa-eletrônico dentro do banco, Yolanda é auxiliada pela jovem atendente da agência bancária que age guiada pelo estereótipo do idoso incapaz de lidar ou entender a tecnologia.

Yolanda (dirigindo-se à atendente do banco e olhando para a tela do caixa):

Olha lá, aperte o botão... [ela aperta o botão lateral à tela]. Não acontece nada!

Atendente:

É que a gente precisa apertar o botãozinho aqui da tela.

Yolanda:

Se é na tela, não é botãozinho, minha filha. É ícone.

Atendente:

Isso. Muito bem. Aperta o íconezinho.

Momentos depois:

Yolanda:

Aqui, não vai...

Atendente:

É que para o botão de confirma, a gente não aperta na tela. A gente aperta o botãozinho da lateral.

Yolanda:

Na lateralzinha direitinha ou na lateralzinha esquerdinha?

Atendente:

Oi?

Cabe lembrar, conforme destacamos anteriormente, que para Bakhtin/Volochínov (2002) a enunciação é de natureza social, já que todo enunciado se constrói direcionado e condicionado por duas forças que agem sobre o indivíduo, a individual e a social. Não se trata de forças isoladas, ao contrário, ambas se constituem semioticamente em uma relação orgânica e interdependente.

No trecho acima, dá-se o confronto de duas vozes sociais: a jovem funcionária do banco tenta parecer simpática, como percebemos pela sua voz e o tom empregado na interação com a senhora idosa. Porém, sua enunciação é marcada pelo uso frequente de diminutivos, denotando uma atitude de infantilização com relação a Yolanda. Contrariando a expectativa, Yolanda dá mostras de que o problema não é tecnologia. Durante sua conversa com a atendente, Yolanda usa a linguagem com maior domínio que a própria atendente ao questionar o uso inadequado que a jovem faz das palavras ao explicar como usar o equipamento. A ironia da senhora atinge inclusive a própria incoerência dos comandos das operações indicadas na tela, já que há uma enorme confusão entre o uso das palavras botão e ícone, como ela aponta.

experiência, Yolanda assume a liderança do grupo, trata do ferimento de Kleber e é responsável pelo desenlace da operação de uma forma menos desastrosa. Ao mesmo tempo em que ela o ajuda a negociar com a polícia, ela o aconselha a entregar-se. Quando a polícia parece ter perdido o interesse em salvaguardar a vida do jovem assaltante, ela o afasta da linha de tiro (contrariando as orientações da polícia).

O uso de diminutivos é ironizado pela cliente, que se percebe sendo diminuída por meio de um discurso que remete à infantilização de suas atitudes e de sua competência cognitiva. A jovem age aparentemente de forma automática sem pensar ou escutar realmente o que Yolanda está dizendo. Parece-nos que, dominada pelo estereótipo, a jovem trabalha com “os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas [que], interceptam a informação no trajeto rumo à consciência.” (Lippman, 1980: 153)

Outro estereótipo recorrente na sociedade é a associação do envelhecer a um período de perda e degradação física (cegueira, senilidade etc.), ainda mais enfatizado quando se considera o contexto social brasileiro de valorização exacerbada da juventude. A todo instante, Yolanda é qualificada como velha ou “véia” com desdém. No início da trama, o assaltante Kleber (João Cortês) a chama de “velha zoada do cacete”, ao que ela responde: “sou velha, mas não sou surda. Nem zoada.” Também os policiais que cercam a agência bancária referem-se a ela por meio de termos pejorativos e desdenham inclusive a necessidade de salvaguardar sua vida:

Policia1 1:

Será que ela não encontrou o bilhete?

Policia1 2:

Vai ver que não enxergou as letrinhas, é Matusalém.

Policia1 1:

Depender de velho é foda.

Em outro momento, quando a polícia decide invadir o banco:

Policia1 1:

Eu sei ... não tem opção ...

Policia1 2:

Ou a gente invade, ou a gente se arrisca a ele sair matando todo mundo. Se a gente agir rápido o máximo que ele vai matar é a velha. Mas vamos combinar: já viveu a vida dela.

Em diversas cenas, o discurso verbo-visual subverte estereótipos e expõe a fragilidade dos estereótipos e preconceitos: seriam esperados de uma senhora exposta a essa situação de violência o medo, a submissão total às ordens e desejos do assaltante. No entanto, a juventude e a instabilidade psicológica do “bandido” não constituem ameaça para Yolanda, que ironiza a falta de habilidade dele com a arma e seu declarado pertencimento a uma facção criminosa: “De que departamento? Do Marketing ou do RH? Com arma é que você não sabe lidar.” Espera-se do “bandido” que seja malvado, desumano, violento. Ele não corresponde a essa expectativa e confessa que agiu motivado pelo dinheiro que ia ganhar para levar a namorada a uma viagem de cruzeiro marítimo, situação que é ridicularizada pela refém: “Você é um idiota, um banana” [...] “E cruzeiro?! Que coisa mais chata”. Muitas vezes considerado como uma viagem mais direcionada ao público idoso, o cruzeiro é criticado justamente por Yolanda, cujo drama é revelado quando Kleber, diante das tentativas dela de fazê-lo se entregar, a provoca:

Kleber:

Você não sabe de nada, pirua. Você não sabe nada da vida. Você não sabe o que é puxar cadeia no Brasil.

Yolanda:

Ah, não, é? Eu vou te contar o que é ficar presa, meu filho. Eu fiquei 8 anos presa. E dois eu passei numa solitária.

Kleber:

Você?!!!!

O espanto de Kleber é o espanto do telespectador, que não imagina o passado rebelde da senhora – cuja imagem em geral é associada socialmente a sabedoria e calma. Ela revela então ter organizado e participado, junto como o marido, de um grande assalto em 1972.

Como vimos, a situação extrema faz emergir conflitos que refletem e refratam preconceitos e estereótipos em relação à mulher idosa que são ressemantizados por meio do tratamento temático e discursivo que enfatiza o protagonismo feminino em termos de competência para lidar com conflitos de origem social e emocional tanto do jovem infrator quanto do próprio serviço policial.

2.2. Folhas de Outono

Em *Folhas de Outono*, a construção da trama ocorre em torno dos novos rumos que a protagonista dá à sua vida após a morte do marido. Ganham centralidade os conflitos com a família e a própria (re)descoberta da sexualidade a partir da chave da homoafetividade. O episódio tem início com Francisca (Selma Egrei), junto de seus dois filhos (um casal), no enterro do marido, Arlindo, com quem foi casada por 45 anos. Na primeira cena, já é possível prever que o conflito entre mãe e filho será marcante ao longo da trama. O humor irônico da protagonista e a liberdade assumida nos primeiros tempos após a viuvez contrapõem-se aos valores tradicionais do filho, que deseja impor à mãe uma determinada forma de viver após a morte do pai. A filha Neide (Sílvia Lourenço), um pouco mais compreensiva com relação aos novos hábitos da mãe, também mostra pouca independência frente às pressões e à autoidade do irmão.

Já início do episódio, na volta do cemitério para a casa, de carona com uma amiga, Francisca revela a vontade de comprar camisolas, vestimenta que Arlindo a proibira de usar. Em seu discurso, Francisca explicita ao mesmo tempo sua revolta e sua submissão em relação a essa determinação dele: “Uma coisa tão besta. O Arlindo não me deixava dormir de camisola. Dizia que era coisa de mulher vulgar.” Seu discurso reverbera não apenas submissão e talvez arrependimento, mas demonstra também o estereótipo e o preconceito de gênero, segundo os quais à mulher casada não é possível a realização amorosa e sexual.¹² Sexualidade, aliás, que devia ser escondida sob um pijama que, por sua vez, caracteriza-se como peça de vestuário que é usada por homens e mulheres; podendo, portanto, ser entendida como assexuada.

Em outro momento, ao conversar a amiga Maria Helena (Joana Fomm), por exemplo, ela resume a vida amorosa e sexual que levava com o marido: os quinze primeiros anos de casamento como babá e motorista das crianças, os cinco últimos anos como enfermeira do marido doente e os 25 anos restantes que ela não lembra como foram passados: “onde é que eu estava nesses 25 anos, que eu não sei...”. A conversa franca entre as amigas demonstra o peso da imposição social sobre as mulheres e seu próprio corpo:

Maria Helen:

Vem cá, quanto tempo você não sentia o seu corpo dando sinais de vida?

Francisca:

Não sei, Maria Helena, eu não fui educada pra sentir essas coisas.

Maria Helena:

Nós não fomos.

A morte do marido e a descoberta de que fora traída durante o casamento impulsionam a personagem a viver a liberdade que nunca tivera e, posteriormente, a relacionar-se amoro-

¹² Como modelo de vida conjugal, Pinsky (2013: 627) afirma que as revistas femininas da década de 1950 preconizavam que a mulher casada “deveria ter o marido e os filhos como centro de suas preocupações. De maneira não muito, mas contundente, o bem-estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito.”

samente com Maria Helena, sua vizinha, que também está sozinha após a morte da mãe. Porém, o filho ainda representa em sua vida a voz da tradição ultrapassada, do machismo, que deseja dela um comportamento de acordo com os valores tradicionais. O discurso retrógrado do filho é questionado pela ironia de Francisca, como apresenta o seguinte trecho, no qual os filhos almoçam na casa da mãe.

Daniel (referindo-se à decoração da casa):

Já fez muitas mudanças, né?

Francisca:

Algumas, né. Eu entendi muito bem o tom do “já”. Já se passaram mais de três meses.

Daniel:

Mas não tem mais a presença do papai.

Francisca:

Podia fazer uma sessão espírita e invocar a presença dele.

Neide:

Não começa mãe. Eu achei que ficou tudo lindo.

Daniel:

Não sei se ele gostaria.

Francisca:

Ainda bem que ele tá morto, né, assim ele não fica chateado. (...)

Daniel:

O problema é o mesmo de sempre. Eu acho que ainda não chegou a hora de tirar o luto.

Neide:

Daniel, dá para você parar de ser idiota, por favor? A mamãe tá feliz, fica feliz você também. Isso é uma coisa boa.

Daniel:

Eu não vejo nada de bom da gente simplesmente esquecer o papai. (...) Vocês não entendem a dor dos homens.

Neide:

Que dor, Dani, aquela que você sente quando te dão um chute no saco?

Daniel:

Quase, porque você ver a sua mãe bancando a viúva alegre e falando merda é um chute no saco.

Francisca:

É melhor você ficar quieto.

Daniel:

Ficar quieto pra quê? O que você vai fazer? Agora você vai anunciar que arranhou um namoradinho? Só falta isso.

Em seguida, Francisca chama Maria Helena e a apresenta como sua namorada para os filhos.

Na voz de Daniel surge o discurso que justifica a opressão à mulher como forma de manutenção dos valores tradicionais e da supremacia patriarcal. No final do episódio, depois de um ano da morte do pai, Neide convida a mãe e a namorada para um almoço, a pedido do irmão. Ao chegar, Francisca percebe que Daniel também convidou os amigos da família. O intuito do rapaz era fazer a mãe entrar em contato novamente com as pessoas de seu passado e desistir do romance com Maria Helena.

Durante a reunião, Francisca descobre que o filho sempre soubera que Arlindo a traía com uma amiga comum, também presente no almoço. Cansada de mentiras, Francisca resolve dar um basta à hipocrisia reinante. Após discutir com a amante do marido, ela revela a todos seu romance com Maria Helena e deixa a festa com a namorada. As tradições familiares são confrontadas a partir de dois eixos no episódio: a libertação feminina; a sexualidade na

velhice feminina (inclusive por meio de um relacionamento homoafetivo) contribuindo para a quebra da concepção conservadora de família.

É importante pontuar que a liberdade também é trabalhada no episódio por meio da aceitação da velhice, encarada de forma transparente. Francisca e Maria Helena, inclusive, tratam a questão com humor. “Velha quando fecha o olho dorme”, zomba Francisca quando a namorada lhe pede que feche os olhos para uma surpresa. Ela se apropria, nesse caso, das piadas existentes na sociedade sobre a velhice. Porém, tal enunciado ganha novos sentidos já que para ela a velhice representa novas oportunidades de vida. Dessa forma, ao longo do episódio, a linguagem verbal é matizada pela pluralidade de vozes que a compõem tanto em termos de futuro quando em termos de passado, constituindo o princípio dialógico que segundo Bakhtin (2003) rege as interações e a comunicação verbal.

Conclusões

Fica evidente a abordagem temática da velhice ganha matizes diferentes nos dois episódios analisados, na medida em que apresentam formas distintas de viver a velhice: enquanto Yolanda (*O Assalto*) vive como se sua vida não mais tivesse sentido após a morte do marido (companheiro) há mais de quarenta anos, a personagem Francisca (*Folhas de Outono*) renasce a partir das mudanças decorrentes da morte do marido (patriarcal), trazendo um período de novas descobertas. Em ambos os episódios, observa-se a presença de mulheres fortes que se agigantam diante de adversidades e que buscam seu lugar social para além dos modelos que tentam enquadrá-las sob o peso de estereótipos que se somam (1) incapacidade de autonomia por serem mulheres e (2) incapacidade de autonomia por serem idosas. Diante dessa situação duplamente opressora, elas respondem com a altivez de mulheres que não abandonam a luta e se firmam como indivíduos plenos e cientes de sua relevância social.

Bibliografia

- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov) (2002). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec Annablume.
- BHABHA, H. K. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BORGES, G. M.; CAMPOS, M. B.; SILVA, L. G. C. (2015). Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas. ERVATTI, L. R.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P. Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI: subsídios para as projeções da população. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>. Acesso em: 10/05/2016.
- CARPES, G. (2015). Pnad: população idosa no Brasil cresce, vive mais e começa a usar a internet. *Uol notícias*. 27 set. 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/09/27/pnad-populacao-idosa-no-brasil-cresce-vive-mais-e-comeca-a-usar-a-internet.htm>. Acesso em: 23/09/ 2015.
- DEBERT, G. G. (2005). A vida adulta e a velhice no cinema. In: GUSMÃO, N. M. M. de (org.) (2005). *Cinedebate: cinema, velhice e cultura*. Campinas, SP: Alínea, p. 23-44.
- DEBERT, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.
- GIDDENS, A. (1993) A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP.
- GIDDENS, A. (2002) Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- GOLDENBERG, M. (2015). *Coroas: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- IBGE (2010). Evolução demográfica 1950-2010. In: *Sinopse do censo demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000403.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- IBGE (2015) *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015*. p. 33-38. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/uploads/global/materias/2015/12/04-12-2015-02-58-43-pesquisa-ibge.pdf>>. Acesso em: 10/09/2015.
- LIPPMANN, W. (1980). Estereótipos. In: STEIMBERG, Ch. (org.). *Meios de Comunicação Massa*. Rio de Janeiro: Cultrix.
- NERI, A. L. (2007). Feminização da velhice. In: NERI, A. L. (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, p. 47-64.
- PINSKY, C. B. (2013). Mulheres nos anos dourados. In: Priore, M. D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 607-639.
- SALGADO, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p.7-19. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>>. Acesso em: 10 set. 2013.

Biografias

Maria Cristina Palma Mungili é professora doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde ministra cursos na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Tem trabalhado com os seguintes temas: comunicação, estudos de televisão, formatos e linguagem televisuais, teledramaturgia, destacando o estudo de: telenovelas, minisséries, séries e identidades; cultura narrativa; Educação. Coordena o Grupo de Estudos Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELIDIS) sediado na ECA-USP. Durante a elaboração deste artigo era bolsista da Fundação de Amaro à Pesquisa do Estado de São Paulo para realização de pesquisa de pós-doutorado conforme o processo 2015/20041-9. Email: crismungili@usp.br

Sílvia Góis Dantas é doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. É membro do Grupo de Estudos Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELIDIS) sediado na ECA-USP. Bolsista CAPES. E-mail: silviagdantas@gmail.com

Rosana Mauro é doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela mesma universidade. É membro do Grupo de Estudos Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELIDIS) sediado na ECA-USP. Bolsista CNPq. Email: maurorosana@gmail.com